

Análise comparativa entre o monitoramento social no romance 1984 e a vigilância e autoexposição nas mídias sociais

Comparative analysis between social monitoring in the 1984 novel and surveillance and self-exposure on social media

Robinson Matheus Felipe Souto

Especialista em Educação bilíngue pelo Centro Universitário Facex (UNIFACEX). Licenciado em Letras – Inglês pela Universidade Potiguar (UNP). Possui experiência no seguimento de intérprete e tradutor simultâneo, além de atuar no ensino bilíngue e ministrar aulas de inglês para educação infantil e ensino fundamental. Email: matheussouto@hotmail.com

Jhonathan Lima de Souza

Doutorando em Geografia (PPGGeo-UNICAMP). Mestre em Geografia (PPGE/UFRN). Bacharel em Geografia (UFRN). Integra o Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência - LAGERR da Universidade Estadual de Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa Dinâmicas Ambientais, Riscos e Ordenamento do Território – GEORISCO/UFRN, compõe o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Desastres – NUPED/UFRN. Área de atuação: risco e vulnerabilidade. Email: jhon.scout@hotmail.com

Ana Caroline Damasceno Souza

Pesquisadora com formação em Geografia. Graduada e mestra em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e, atualmente, doutoranda em Geografia (ProPGeo/Universidade Estadual do Ceará) com estudos voltados a serviços ecossistêmicos de ambientes costeiros, geotecnologias e cartografia temática, delimitação de unidades de paisagem e ensino. Email: carolsouza.geo@gmail.com

Resumo

O livro 1984 foi publicado pelo autor George Orwell em 1949, e ao longo dos anos tornou-se uma das obras mais influentes do modernismo, atuando de maneira atemporal. A obra serve de crítica à sociedade e às políticas impostas tanto pela indústria cultural quanto pelo cenário político. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o monitoramento da sociedade empreendido pelo Grande Irmão, contrapondo-o com as diferentes ferramentas que as mídias sociais atuais utilizam para monitorar as atividades de seus usuários. Para isto, foi realizada uma abordagem de cunho bibliográfico e analítico, com suporte teórico parte das discussões de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer sobre a indústria cultural (1995) e o conceito de distopia de Teixeira Coelho (1980), bem como a aplicação de um questionário realizado com 170 entrevistados através do Google Forms.

Palavras-Chave

Livro 1984; Indústria Cultural; Usuários de internet; Redes sociais.

Abstract

The book 1984 was published by George Orwell in 1949, and over the years it has become one of the most influential works of modernism, acting in a timeless manner. The work serves as a critique of society and the policies imposed by both the cultural industry and the political scene. This research aims to analyze the monitoring of society undertaken by Big Brother, contrasting it with the different tools that current social media use to monitor the activities of its users. For this, a bibliographic and analytical approach was carried out, with theoretical support based on the discussions of Theodor W. Adorno and Max Horkheimer on the cultural industry (1995) and the concept of dystopia by Teixeira Coelho (1980), as well as the application of a questionnaire conducted with 170 respondents through Google Forms.

Keywords

1984; Cultural Industry; Internet users; Social networks.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo comparar alguns aspectos sobre a questão do monitoramento, presentes no romance 1984 de George Orwell e as diferentes ferramentas que as mídias sociais atuais utilizam para monitorar as atividades de seus usuários. Diante disso, foi realizada uma enquete no *Facebook* Inc com o propósito de conhecer o que os usuários das mídias sociais sabem acerca dos processos de monitoramento e das políticas de privacidade, bem como coletar dados sobre a frequência de uso tanto do *Facebook* quanto das *Stories* publicadas nas mídias sociais que possuem essa função. A análise dos resultados da enquete foi feita por meio de gráficos no intuito de melhor visualizar as respostas dos entrevistados.

Os dados coletados serviram de base para a comparação e análise sobre as diferentes ferramentas que as mídias sociais utilizam, mais especificamente o *Facebook*, as quais terminam por invadir a privacidade dos usuários, com uso de ferramentas que muitos deles não conhecem. Além das questões de monitoramento, também foi analisada a autoexposição à qual os sujeitos que responderam ao questionário se submetem na função *Stories* das mídias sociais mais utilizadas – *Facebook*, *Instagram*, *Messenger*, *Whatsapp* e *Snapchat* - que atualmente são as mídias que possuem a função de relatar o cotidiano por meio de vídeos e fotos sem que haja limite diário de postagens.

O autor Eric Arthur Blair, conhecido pelo pseudônimo de George Orwell, usou esse nome a fim de manter a sua identidade oculta por receio de que seus trabalhos não viessem a ter sucesso. Blair nasceu em Motihari, Índia Britânica, no ano de 1903 e em vida publicou diversas obras que vieram a ser reconhecidas mundialmente e que até hoje possuem forte influência. Entre as suas obras, citamos *A Revolução dos Bichos* publicado em 1945, que vai na mesma linha de 1984 de crítica à políticas e comportamentos sociais. Mas, foi antes de falecer de tuberculose que o autor publicou a sua obra-prima: 1984 que segundo Santos (2008, p.10) é uma leitura indispensável pelo fato da problemática vivida por esta distopia ser assemelhar tanto aos dias atuais.

1984 foi publicado em 1949 e ao longo dos anos tornou-se uma das obras mais influentes do modernismo, atuando de maneira atemporal até os dias de hoje e em sua época como um alerta do que estava por vir. A obra serve de crítica à sociedade e às políticas impostas tanto pela indústria cultural quanto pelo cenário político atual. Sua influência perpetua-se de diferentes formas na arte, seja no cinema, música e literatura. O filme *V de Vingança* dos irmãos Wachowski, bem como o filme *Equilibrium* de 2001 dirigido por Kurt Wimmer no qual a sociedade vive sob um regime totalitário pós terceira guerra mundial são alguns exemplos, dentre tantas outras adaptações da obra. Na música, artistas como David Bowie e a banda britânica Muse, que dedicou um álbum inteiro à obra de George Orwell, também foram influenciados. No campo literário, podemos citar a trilogia best-seller – *Jogos Vorazes* - lançada no ano de 2008, que evidencia a influência distópica da obra.

Em 1984, a sociedade vive sob um regime totalitário do Partido Socialista (Socing), governado pelo Grande Irmão, com lemas paradoxais desse partido como “Guerra é Paz”, “Liberdade é Escravidão”, “Ignorância é Força”, princípios esses explicados na obra pela teoria do duplimentamento¹. Em 1984: a distopia do indivíduo sob controle, Pavloski explica

¹ “*Duplimentamento* significa a capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas.” (ORWELL, 2009, p. 252).

qual a intenção do autor com o romance:

Assim, o autor escreve sua obra como um alerta, tanto para os seus contemporâneos, quanto para as gerações futuras, do perigo latente na ortodoxia política e na aceitação de um ideal de sociedade que oferece estabilidade em troca da liberdade individual. Nesse sentido, o romance de Orwell e o diário de Winston se equivalem no propósito de criar um registro histórico e estabelecer uma comunicação com leitores de épocas vindouras que, supostamente, não conheceriam de forma tão profunda a terrível ameaça do totalitarismo. (PAVLOSKI, 2014, p. 254).

O personagem Winston Smith vive sob o monitoramento constante das *teletelas*, criadas pelo Partido Socialista, que tinham como objetivo receber informações, ouvir e ver todos os sons, ruídos, gestos e comportamento de todos, mas também de forma simultânea transmitir mensagens de apoio ao Partido e enaltecer a imagem do Grande Irmão. George Orwell introduz a questão do monitoramento no seguinte trecho:

A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Todo o som produzido por Winston que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido também poderia ser visto. (ORWEL, 2009, p. 13).

Refletindo essa realidade do romance nos dias atuais, podemos utilizar o exemplo da rede social *Facebook* que atualmente possui mais de 2 bilhões de usuários ativos e também um grande número de ferramentas de monitoramento pouco conhecidas pelos usuários. Essas ferramentas e os seus usos são apresentados nos Termos de Política e Privacidade que é mostrado no momento de criação da conta no *Facebook*. No entanto, os termos de política e privacidade são aceitos de maneira negligente pelos usuários como comprovado pelos dados obtidos na nossa enquete. Segundo Santos (2008, p. 20):

Orwell alerta para os perigos da comunicação social nas mãos de instituições definitivas, como os grandes conglomerados de entretenimento que controlam grande parte do conteúdo informativo e intelectual da atualidade.

Abrindo mão da privacidade ao aceitar os termos de política e privacidade, os usuários do *Facebook*, bem como o *Snapchat*, *Instagram*, dentre outras mídias, expõem-se de modo espontâneo pela função *Stories*, na qual eles publicam vídeos e fotos que, em sua maioria, evidenciam suas rotinas, momentos de diversão e o fenômeno das *selfies*².

Adorno e Horkheimer vão explicar esse fenômeno em *A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas* (1995) como uma falsa identidade do universal e do particular, sendo a padronização de comportamentos uma técnica da indústria cultural, exemplificada pelo excesso de fotos ou vídeos de maneira semelhante às publicações de grandes personalidades influenciadoras de comportamento na sociedade virtual, ou seja, os estereótipos da atualidade.

O Falso Idealismo Utópico: A Distopia do Medo

No romance, a sociedade vive num universo distópico, onde as pessoas são obrigadas

² Fenômeno virtual que se expandiu na segunda década do século XXI, o qual as pessoas se expõem por meio de autorretratos, expandido ainda mais com a criação da câmera frontal dos *smartphones*.

a viver sob a ditadura imposta pelo Partido Socialista Inglês (Socing), no qual estes ideais totalitários compreendem uma série de obrigações que a sociedade tem que seguir, sendo algumas delas: o monitoramento constante por meio das *teletelas* em qualquer que seja o ambiente; uma forte repressão sexual, já que as pessoas não deveriam casar ou ter nenhum tipo de relacionamento amoroso; o controle de pensamento por meio de uma nova língua estabelecida (Novafala) e também o duplispensamento. Esses ideais são características de uma sociedade que vive nos moldes de uma distopia. A distopia tem forte peso em governos totalitários e sua origem provém da própria utopia, termo esse que foi utilizado pela primeira vez pelo inglês Thomas More como título de sua primeira obra, publicada em 1516. Apesar de serem termos ligados uns aos outros por certas semelhanças, suas denominações são diferentes e seus padrões de designação de uma sociedade perfeita são contrários.

A utopia funciona como um modelo de uma sociedade perfeita, em um lugar inexistente, fantástico e esse desejo é inerente ao ser humano, podendo ser uma idealização de um futuro distante ou até mesmo próximo. Utopias vêm sendo usadas por muitos anos pela nossa sociedade justamente pela busca desse ideal de vida, podendo ser geográfico como por exemplo a Atlântida, lugar fantástico mencionado por Platão e que foi discutido por muitos anos a sua possível existência. A utopia também pode ser governamental quando se fala do desejo de uma democracia sendo praticada de forma efetiva e justa numa nação. A ilusão que a utopia fornece acaba dando a ideia de um lugar sem erros, justo e perfeito, porém também existe o seu lado mau, pois quando se leva em consideração diversos fatores que funcionam como uma engrenagem que determina o bom funcionamento de uma nação, vão existir problemas que afetarão diretamente esse modelo de mundo perfeito, dado a utopia em si ser passível de falhas e por muitas vezes apresentar um falso idealismo. Dentro desse âmbito, a distopia e seu totalitarismo entram em cena. Teixeira Coelho em seu livro *O que é Utopia*, caracteriza bem o surgimento da distopia no molde de uma sociedade idealizada:

O conceito de utopia revela-se demasiado estreito para abranger todos esses diferentes programas. [...] impõem-se dois outros conceitos, espécies do gênero utopia: a *eutopia*, ou lugar bom, e a distopia, o mau lugar, o lugar da distorção. (COELHO, 1980, p. 45).

Sendo assim, a distopia pode ser considerada quando modelos distorcidos de política afetam diretamente o bom funcionamento de uma nação e justamente devido à distopia ser declaradamente perversa, o romance *1984* se adequa a esse conceito pelo fato de ser caracterizado por um totalitarismo forte, que afeta não só o pensamento das pessoas como também a própria linguagem. Teixeira Coelho (1980, p. 44) evidencia o outro lado da utopia, sua face oculta, e torna obrigatório concluir que nem tudo é essa suposta terra amena, do mel e do vinho. Já George Orwell em sua obra consegue definir de forma convincente o poder da distopia no comportamento da sociedade que padece desse modelo totalitário com o seguinte trecho: “Enquanto eles não se conscientizarem, não serão rebeldes autênticos e, enquanto não se rebelarem, não tem como se conscientizar.” (ORWEL, 2009, p. 90). Além de *1984*, figura também como uma das narrativas distópicas mais influentes do modernismo o romance *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley, publicado em 1932, no qual a população de escravos não teria de ser coagida por meios impositivos para exercer sua servidão, pois eles amariam a escravidão. No prefácio, o autor afirma:

Não há, por certo, nenhuma razão para que os novos totalitarismos se assemelhem aos antigos. O governo pelos cassetetes e pelotões de fuzilamento, pela carestia artificial, pelas prisões e deportações em massa, não é simplesmente desumano (ninguém se importa muito com isso hoje em dia); é, de maneira demonstrável, ineficiente – e numa época de tecnologia avançada a ineficiência é o pecado contra o Espírito Santo. Um Estado totalitário verdadeiramente eficiente seria aquele em que os chefes políticos

de um Poder Executivo todo-poderoso e seu exército de administradores controlassem uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam sua servidão. Fazer com que eles a amem é a tarefa confiada, nos Estados totalitários de hoje, aos ministérios de propaganda, diretores de jornais e professores. (HUXLEY, 2014, p. 14).

Orwell, ao fazer uso do conceito de distopia, acabou originando o termo conhecido como distopia orwelliana que pode ser definido como um modelo distópico de um futuro absurdo e repugnante que causa na sociedade o sentimento de repúdio e terror, caracterizado na obra pela sociedade que vive sob as leis do Socing – Partido Socialista Inglês – que possui um regime totalitarista, deixando a população sem voz e direitos. Esse regime é imposto com o auxílio de diversas ferramentas de controle e monitoramento, como o duplipensar e as *teletelas*, termos já citados acima, além também da Novafala³. Em seu artigo “A Distopia Contemporânea de George Orwell: 1984”, Maria Beatriz Barros da Silva cita:

O autor de ficção científica David Brin diz que o grande mérito da distopia não é prever o futuro, mas pintar um tão horrível que as pessoas vão lutar para que ele não aconteça. Assim faz o escritor inglês em sua obra, por meio da apreensão da realidade sob a qual ela se estrutura. Ainda que "fora da história", a sociedade de 1984 se aproxima dos leitores ao se articular com discursos da época em que o livro foi escrito, como questões morais, éticas e temores. (SILVA, 2015).

Logo, pode-se entender que a utopia pode apresentar um falso idealismo em relação a esse desejo de sociedade perfeita e sem erros, justamente por apresentar falhas em sua organização que podem assim dar abertura ao surgimento do caos, como no caso da distopia orwelliana, na qual os indivíduos padecem do medo. Em 1984, a distopia é caracterizada, como já citado, por práticas de vigilância intensa a fim de impor controle mental sobre um indivíduo ou de uma sociedade e tais ferramentas de controle estão relacionadas em suma com artifícios tecnológicos e teorias de comunicação, refletindo assim características da sociedade contemporânea.

As mídias sociais e suas ferramentas implícitas de monitoramento

As *teletelas* de George Orwell são os instrumentos utilizados em sua obra e possuem como objetivo principal o monitoramento constante de uma sociedade que vive sob a ditadura totalitária do Grande Irmão. Esses objetos estão espalhados por todos os locais, sejam eles privados ou não. A sociedade está submetida a essa constante vigilância, de sons, ações e qualquer atitude que não condiz com os ideais do Partido. Dessa forma, torna-se praticamente impossível organizar-se ou agir de forma contrária e se rebelar contra a ditadura imposta pelo Socing. Não só pelas *teletelas* os indivíduos eram monitorados, mas também todas as correspondências trocadas entre eles eram abertas e analisadas pelo “Ministério do Amor, ao qual cabia manter a lei e a ordem.” (ORWELL, 2009, p.15), além disso, até mesmo o pensamento era monitorado pela Polícia das Ideias, órgão encarregado de lidar com os crimes de pensamento.

Tentar adivinhar o sistema utilizado pela Polícia das Ideias para conectar-se a cada aparelho individual ou a frequência com que o fazia não passava de especulação. Era possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse como fosse, uma coisa era certa: tinha meios de conectar-se a seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver – e vivia, em

³ “A Novafala era o idioma oficial da Oceânia e fora concebido para atender às necessidades ideológicas do Socing, ou socialismo inglês.” (ORWELL, 2009, p. 347).

decorrência do hábito transformado em instinto – acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e, se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente. (ORWELL, 2009, p.13).

Partindo desse ponto, é possível traçar um paralelo entre as *teletelas* de Orwell e os smartphones, possuídos por 5 bilhões de pessoas no mundo, de acordo com pesquisa realizada pela GSMA (GSM Association), entidade global de telefonia móvel. Esses aparelhos apresentam características e semelhanças com as *teletelas* quanto ao monitoramento por meio de artifícios tecnológicos. Retifica-se que a teletela é utilizada de maneira obrigatória por quem vive sob o universo distópico totalitário de George Orwell e os smartphones são objetos de uso pessoal e privado, ou seja, há uma escolha entre possuir ou não esse aparelho. Assim, foi feito um quadro com o intuito de analisar as características e as semelhanças entre esses dois objetos. É visto que ambas as tecnologias citadas possuem semelhanças quanto à questão do monitoramento, semelhanças essas que serão analisadas mais à frente.

Quadro 1: Características e semelhanças entre as *teletelas* e *smartphones*

<i>Teletelas</i>	<i>Smartphones</i>
Espelho negro ⁴	Espelho negro
Câmeras de monitoramento (captação de imagens)	Câmeras para autorretratos e vídeos (captação de imagens)
Microfone (captação de sons de maneira obrigatória)	Microfone (captação de sons ocasionais sem aviso prévio)
Publicidade constante	Publicidade realizada por meio das mídias sociais.
Análise de dados a fim de conter atividades criminosas	Análise de dados a fim de conter atividades criminosas por meio do <i>Facebook</i> .
Desligamento impossibilitado	Desligamento possibilitado

Fonte: Elaborado pelos autores

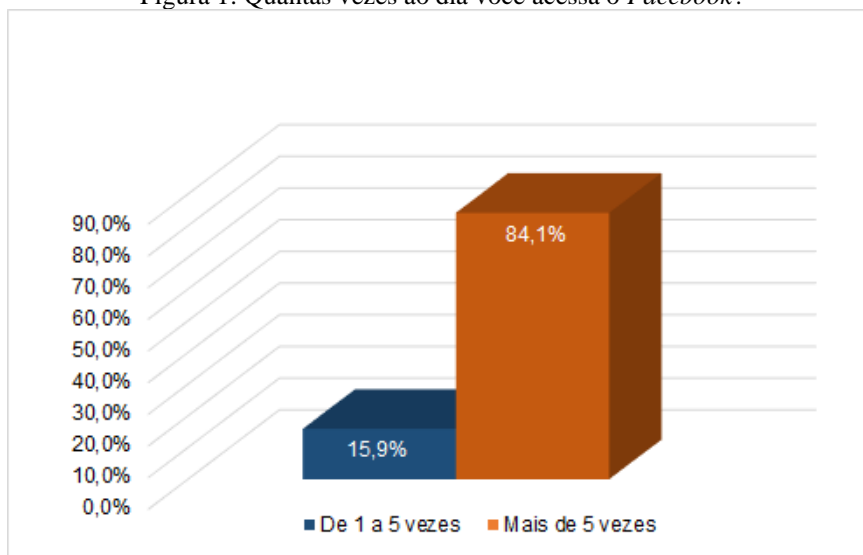
A partir das características mencionadas no Quadro 1, bem como as pesquisas de cunho bibliográfico e analítico a respeito da obra de George Orwell, foi realizada uma pesquisa quantitativa que serve de base para a discussão a respeito do monitoramento na sociedade em que vivemos, mais especificamente, através dos aparelhos smartphones e do uso de mídias sociais como o *Facebook*, bem como a autoexposição por meio da função *Stories* nas mídias sociais.

Esta pesquisa tem o intuito de analisar o conhecimento que as pessoas têm sobre as ferramentas de monitoramento utilizadas por essas mídias sociais, especificamente no *Facebook*, assim como investigar a autoexposição dos usuários que usam a ferramenta *Stories* e como essa ferramenta torna-se de maneira espontânea uma quebra de privacidade, causando um possível monitoramento das atividades diárias pelos seguidores nessas mídias.

Foi criado um formulário para a enquete (ver nos anexos) no Google Forms e no espaço de 1h 30 minutos obtivemos 170 respostas de usuários do *Facebook* e do Twitter. Gráficos foram gerados a fim de evidenciar os dados coletados na pesquisa que servem como base para a discussão a respeito do monitoramento e autoexposição. De início, foi questionado sobre a quantidade de vezes que os usuários acessam o *Facebook*, no intuito de visualizar a frequência com que eles entram nessa mídia por dia, dando uma margem para que fosse feita as perguntas sobre o monitoramento virtual. Logo é visto que 84,1% dos 170 entrevistados acessam com bastante frequência a rede social.

⁴ “Espelho negro”: termo traduzido do título da série “Black Mirror” criada por Charlie Brooker, no qual o termo refere-se à característica de que televisões, celulares, tablets e outras tecnologias possuem como tela um espelho negro.

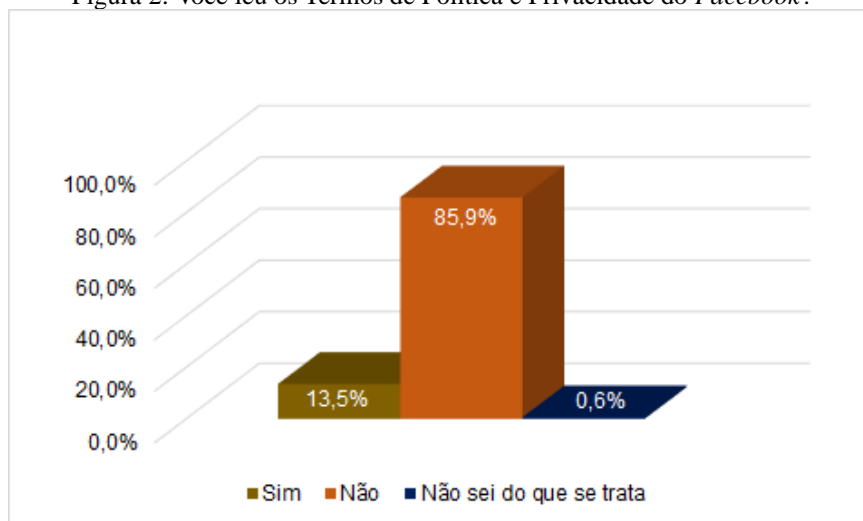
Figura 1: Quantas vezes ao dia você acessa o *Facebook*?



Fonte: Elaborado pelos autores com base no questionário. set. 2017

A figura 2 comprova a negligência dos usuários quanto aos Termos de Política e Privacidade do *Facebook*⁵ ao aceitar propostas sem uma leitura adequada, deixando-os assim sem o direito de refutar caso sintam perda de privacidade, já que aceitaram os termos. Essas propostas incluem ferramentas de monitoramento, como por exemplo, a análise de conversas e áudios a fim de verificar atividades criminosas.

Figura 2: Você leu os Termos de Política e Privacidade do *Facebook*?



Fonte: Elaborado pelos autores com base no questionário. set. 2017

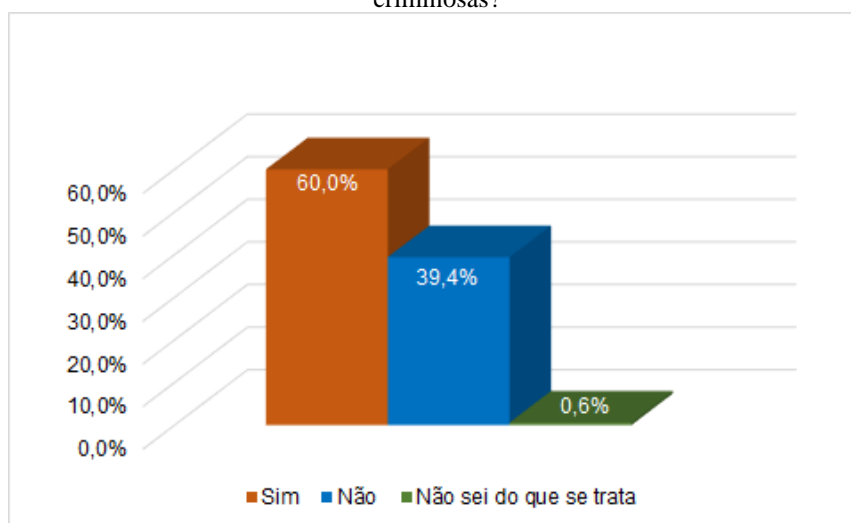
Constatamos na figura 2 que apenas 13,5% dos usuários leram os termos da política de dados, podendo assim ter conhecimento das ferramentas que o *Facebook* possui quanto a monitoração de dados e atividades. Felizmente, por meio do resultado da figura 3, comprova-se que 60% dos entrevistados possuem conhecimento prévio sobre a prática de monitoramento de atividades criminosas no *Facebook*, visto ser um assunto que vem sendo tratado na mídia nos últimos anos, alcançando a massa que não possuía noção sobre esses termos. Como por exemplo o caso do juiz Luís Moura Correia, da Central de Inquéritos da Comarca de Teresina que determinou ao Whatsapp, empresa que pertence ao *Facebook*, que fornecesse informações acerca de um crime cometido pela mídia social, sob pena de

⁵ Usamos as informações que temos para ajudar a verificar contas e atividades, e para proporcionar segurança dentro e fora dos nossos Serviços, investigando atividades suspeitas ou violações dos nossos termos ou políticas. (Facebook, 2016).

desligamento da rede social no Brasil, o que de fato aconteceu no ano de 2015. Isso pode justificar a razão de boa parte dos entrevistados terem conhecimento sobre o monitoramento de suas informações. Paralelo às informações obtidas nesse gráfico, pode-se relacionar o monitoramento constante das atividades do personagem Winston Smith, quando ele suspeita de estar sendo investigado devido às atividades que contrariavam os lemas do Socing. Winston evidencia seu medo e a sensação de monitoramento de suas atividades no seguinte trecho:

O que estava acontecendo era apenas o desdobramento de um processo iniciado anos antes. O primeiro passo fora um pensamento secreto e involuntário; o segundo, a abertura do diário. Passara dos pensamentos às palavras, e agora passava das palavras às ações. O último passo seria alguma coisa que teria lugar no Ministério do Amor. (ORWELL, 2009, p. 191).

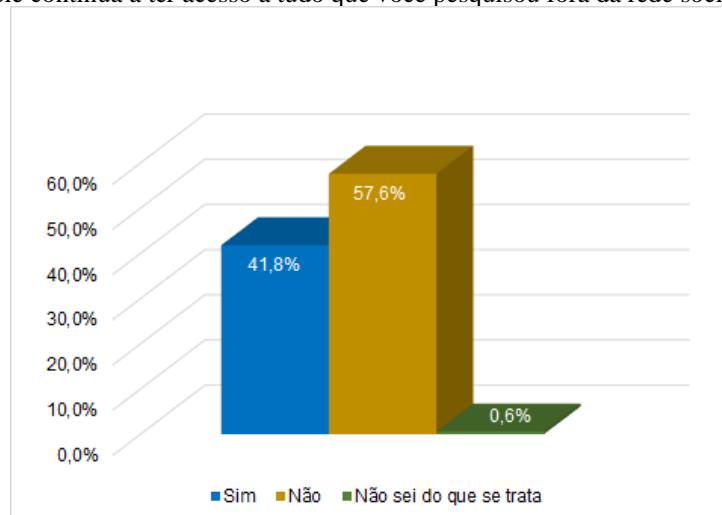
Figura 3: Você está ciente de que o *Facebook* pode analisar suas conversas a fim de verificar atividades criminosas?



Fonte: Elaborado pelos autores com base no questionário. set. 2017

Os usuários da rede social estudada, ao aceitarem os termos da política de privacidade, legitimam o *Facebook* a monitorar até quando estão *offline* de suas atividades. Diante disso, a figura 4 retrata o percentual elevado de 57,6% dos usuários que desconhecem essa prática da empresa. Assim, vamos perceber que tal desconhecimento é justificado pela figura 2, que mostra que grande parte dos usuários aceitam esses termos de privacidade sem ler todas as cláusulas.

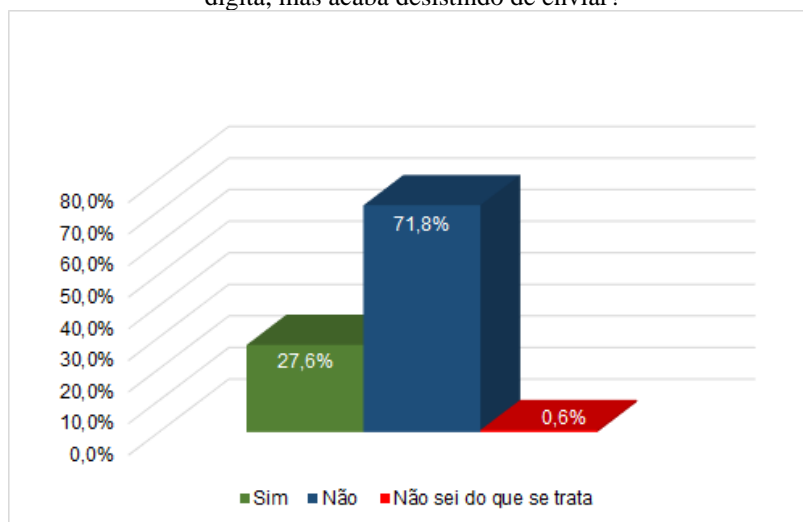
Figura 4: Você está ciente de que mesmo quando não estiver usando o *Facebook*, ele continua a ter acesso a tudo que você pesquisou fora da rede social?



Fonte: Elaborado pelos autores com base no questionário. set. 2017

Quando perguntados se sabiam que o *Facebook* monitora até as mensagens digitadas e não enviadas, mais de 70% dos entrevistados na pesquisa não tem ciência de que isso acontece. Em um estudo feito e publicado em artigo pela própria empresa *Facebook*, Ink. em 2012, comprova-se o que os autores chamam de *Self-Censorship*, ou seja, autocensura, no qual os usuários tendem à autoavaliação antes de postarem qualquer coisa. Segundo os autores "As pessoas com mais limites em seus temas se censuram mais; os homens se censuram mais que as mulheres; bem como as pessoas que exercem maior controle sobre sua audiência"⁶. Essa prática evidencia mais uma das ferramentas utilizadas por essa mídia social com fins de monitoração, e como ilustrado na figura 5, a falta de conhecimento da maioria dos questionados sobre mais essa ferramenta de monitoramento.

Figura 5: Você está ciente de que o Facebook monitora até mesmo suas postagens ou comentários que você digita, mas acaba desistindo de enviar?



Fonte: Elaborado pelos autores com base no questionário. set. 2017

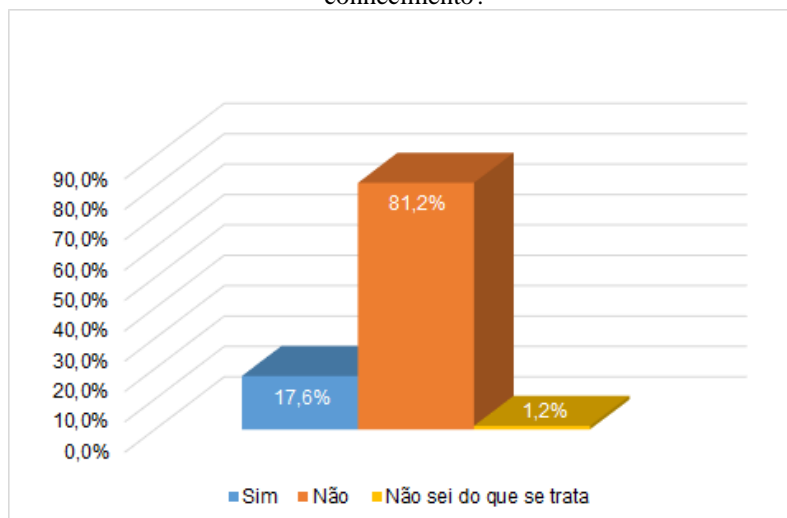
George Orwell, em sua obra, cria o conceito de pensamento-crime, ou seja, os sujeitos submissos à ditadura totalitária do Soring não podiam ao menos pensar em agir contra o partido ou ter ideias contrárias, logo seriam apanhadas pela Polícia do Pensamento.

O fato de escrever ou deixar de escrever ABAIXO O GRANDE IRMÃO era irrelevante. Não fazia a menor diferença levar o diário adiante ou não, de toda maneira, a polícia das ideias haveria de apanhá-lo. Cometera – e teria cometido, mesmo que jamais houvesse aproximado a pena do papel – o crime essencial que englobava todos os outros. Pensamento-crime, eles o chamavam. (ORWELL, 2009, p. 29).

Dos usuários questionados, apenas 17,6% possuem o conhecimento de que o smartphone pode gravar e salvar áudios sem o seu conhecimento, como será visto na figura 6. Isso acontece com a ferramenta de pesquisa do Google na qual é dada a permissão para o uso do microfone no momento da instalação do aplicativo. A conta do Google armazena essas gravações em seu histórico, e ao acessar esse histórico, encontram-se áudios gravados e salvos de momentos aleatórios em que foi usado o *Google Voice Search*.

⁶ Sauvik Das e Adam Kramer são os autores do artigo *Self-Censorship on Facebook*. Disponível em: <<https://research.fb.com/publications/self-censorship-on-facebook/>>

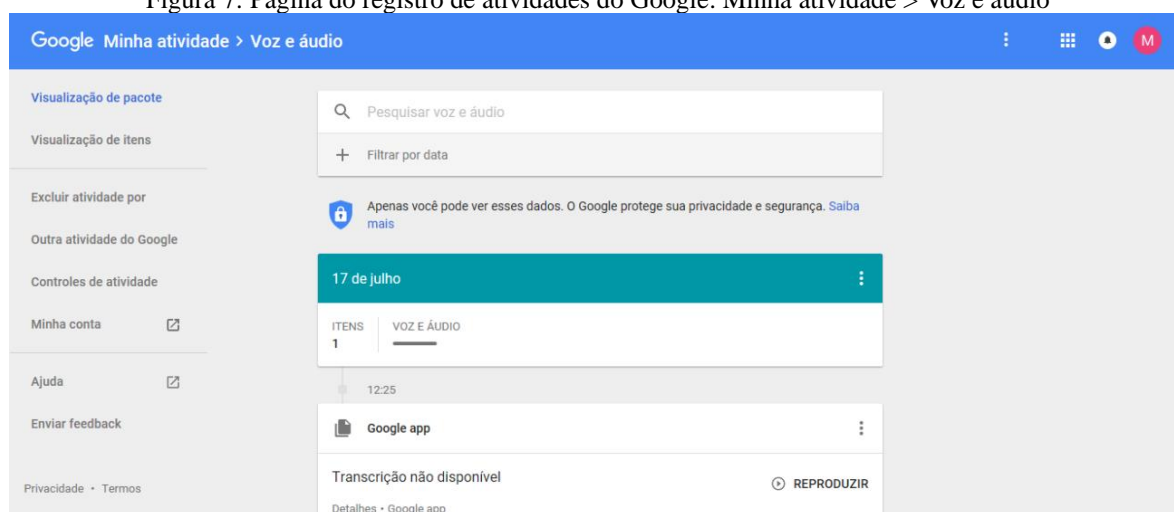
Figura 6: Você está ciente que o microfone de seu smartphone pode gravar e salvar áudios sem que você tenha conhecimento?



Fonte: Elaborado pelos autores com base no questionário. set. 2017

Nesse mesmo histórico, dependendo do quão claro seja o som emitido, o Google transcreve o áudio e o coloca como título do áudio salvo. Mais de 80% dos entrevistados não possuem conhecimento desse mecanismo de monitoramento sonoro que armazena informações. Página essa que é evidenciada na figura abaixo.

Figura 7: Página do registro de atividades do Google. Minha atividade > Voz e áudio



Fonte: My Activity, Google. Disponível em: <myactivity.google.com>, acesso em: out. 2017

Em 2016, o criador do *Facebook*, Mark Zuckerberg, publicou uma fotografia que mostrava seu MacBook com fitas que cobriam o microfone e a câmera. Essa publicação gerou grande repercussão nas mídias sociais podendo servir até mesmo de aviso para os demais adeptos das novas tecnologias. A fotografia postada remete que nem mesmo o criador do *Facebook* está livre de tal monitoração. Fato evidenciado pela figura abaixo.

Figura 8: Mark Zuckerberg cobre câmera e microfone de seu MacBook com fitas adesivas



Fonte: Disponível em: <http://www.anonews.co/wp-content/uploads/2016/06/zuck_431106.png>, acesso em: out. 2017

Partindo das figuras mostradas na discussão sobre o monitoramento, é possível observar o desconhecimento de determinadas funções e ferramentas implícitas no uso do *Facebook* e até mesmo do próprio smartphone pela maioria dos questionados na pesquisa de campo quantitativa. A discussão dos dados e da análise bibliográfica revelam o alto nível de monitoração aplicado aos usuários que além de terem aceitado os termos de política e privacidade em sua maioria de forma negligente, tornam-se sujeitos às práticas de monitoração frequente. Em algumas das respostas dadas, é possível verificar uma correlação com a obra de George Orwell no âmbito das práticas de monitoramento das *teletelas*. Isso leva às características e semelhanças mostradas no quadro 1, no qual pode ser feita uma análise do que ambos, smartphones e *teletelas*, possuem em comum e de como podem monitorar suas atividades. Mesmo com o fato das *teletelas* existirem em uma ditadura distópica, é notável alguns aspectos que nos remetem aos smartphones dos dias atuais. O pesquisador FILHO (2014) em seu artigo sobre a questão da privacidade e a correlação com 1984, explica:

No entanto, nos últimos anos, deu-se um novo passo nesse avanço sobre a esfera da privacidade das pessoas. Em vez de se tentar invadir essa esfera, provocando resistências entre as pessoas, a estratégia alterou-se: criaram-se fortes estímulos para que as próprias pessoas renunciem voluntariamente a sua privacidade por meio do acesso fácil e lúdicas às redes sociais por computadores pessoais e, nos últimos tempos, por meio dos telefones celulares. (FILHO, 2014, p. 138).

A Indústria Cultural e a autoexposição nos *Stories* das mídias sociais

Além das práticas de monitoramento explicadas na discussão acima, pode-se observar que nos dias atuais os usuários de mídias sociais podem utilizar uma nova ferramenta que promove a autoexposição – os *Stories* – a qual se vem a conectar com a questão do monitoramento pelo fato de que ao exporem vídeos, fotos de qualquer tipo de conteúdo, os usuários permitem a quem os segue e até mesmo a quem não os segue, em caso de contas abertas, monitorar suas atividades diárias. Dentro da ferramenta dos *Stories* estão as opções de: localização via GPS, marcação de outros usuários presentes na foto ou vídeo, bem como

*stickers*⁷ que em alguns casos são anúncios publicitários. As fotos e vídeos publicados nos *stories*, em sua maioria, são de momentos felizes, como festas, passeios, viagens, porém, as *selfies* são as mais reproduzidas. Personalidades como Kim Kardashian⁸, Kylie Jenner⁹ e até mesmo o The Rock, ator conhecido por seu corpo grande e musculoso são algumas das pessoas mais seguidas nas mídias sociais e, atualmente, são considerados modelos a serem seguidos – os estereótipos da atualidade.

Adorno e Horkheimer explicaram esse fenômeno no livro *Dialética do Esclarecimento*, mais especificamente, no capítulo em que tratam da Indústria Cultural, como a padronização sendo uma das técnicas dessa indústria. Adorno e Horkheimer (1944, p. 105) afirmam que “A tradução estereotipada de tudo, até mesmo do que ainda não foi pensado, no esquema da reprodutibilidade mecânica supera em rigor e valor todo verdadeiro estilo [...]”, ou seja, atualmente, alguns dos usuários sentem uma necessidade de expor as suas atividades devido ao fato de que personalidades influenciadoras de comportamento fazem o mesmo. No entanto, tal exposição gera de forma inconsciente um monitoramento constante por parte dos seus seguidores. As postagens traçam um perfil sobre quem você é, e segundo Filho (2014, p. 140):

Com tantas informações pessoais disponíveis, é possível fazer o *profiling*, em que se cria um perfil de cada pessoa ou de um grupo a partir de informações obtidas. Melhor dizendo, cada pessoa em uma rede social cria um dossiê sobre si mesmo, voluntariamente.

Mediante essa análise, foram incluídas também na pesquisa de campo quantitativa questões relacionadas ao uso dos *Stories* e de sua frequência quanto às publicações realizadas por meio dessa ferramenta. Na figura 9, 44,7% da amostra de 170 respostas, ou seja, quase a metade, costumam postar vídeos e fotos ocasionalmente, comprovando, assim, essa necessidade que os usuários possuem de divulgar suas atividades diárias. Correlacionando com a obra de Orwell, o autor alertou sobre um futuro onde as pessoas iriam se tornar meros fantoches de um poder absoluto. Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que faleceu no ano de 2017, destaca essa condição em que a sociedade se encontra na obra, traçando um paralelo com a atual modernidade líquida¹⁰ da sociedade:

O que elas compartilhavam era o pressentimento de um mundo estritamente controlado; da liberdade individual não apenas reduzida a nada ou quase nada, mas agudamente rejeitada por pessoas treinadas a obedecer a ordens e seguir rotinas estabelecidas; de uma pequena elite que manejava todos os cordões – de tal modo que o resto da humanidade poderia passar toda sua vida movendo-se como marionetes. (BAUMAN, 2001, p. 64-65).

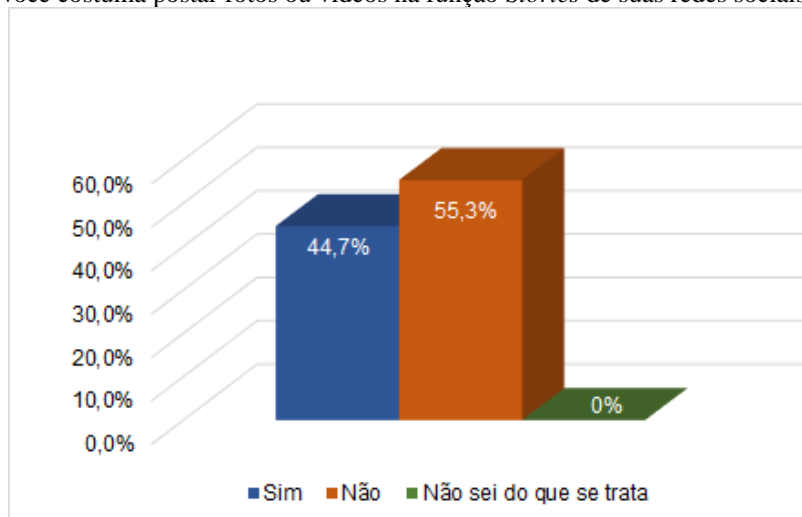
⁷ *Stickers* em tradução livre: adesivos, são imagens que os usuários dos *Stories* podem adicionar à sua foto ou vídeo, em alguns momentos esses *stickers* são anúncios publicitários de diversas empresas.

⁸ Atualmente uma das mulheres mais ricas do mundo, Kim Kardashian ganhou fama após ter um vídeo íntimo com seu namorado da época vazado na internet e por seu reality show *Keeping up with the Kardashians*.

⁹ Membro da família Kardashian, atualmente, uma das pessoas mais seguidas do *Instagram*, criou um império de maquiagem, popularizando sua marca via postagens nas mídias sociais.

¹⁰ Termo escolhido pelo autor para definir a época atual em que vivemos, na qual as formas de vida contemporânea tornaram-se fluídas e efêmeras.

Figura 9: Você costuma postar fotos ou vídeos na função *Stories* de suas redes sociais ocasionalmente?

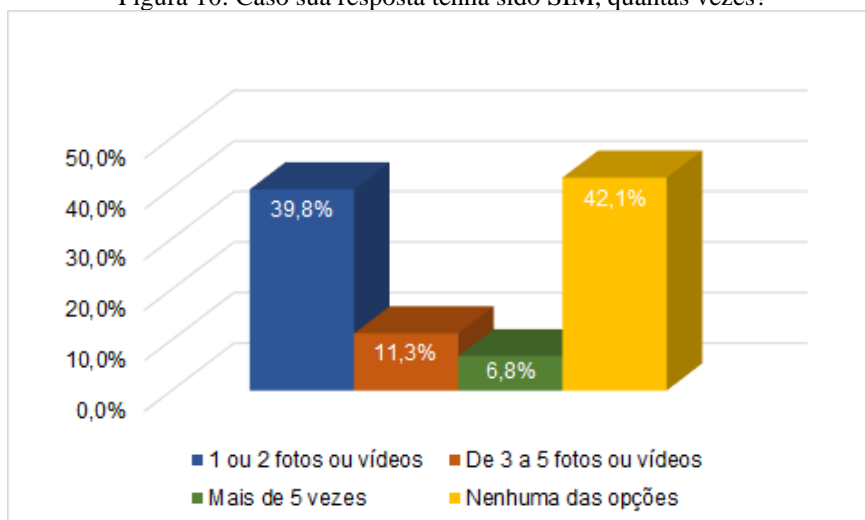


Fonte: Elaborado pelos autores com base no questionário. set. 2017

No entanto, quando perguntados sobre a quantidade de vezes que os usuários postam nessas mídias, 57,9% dos questionados afirmaram postar fotos ou vídeos entre 1 ou mais de 5 vezes ocasionalmente, como será visto na figura 10, delineando, assim, a necessidade dos usuários quanto à constante publicação de suas atividades nessa ferramenta. O trecho abaixo explica sobre a questão do monitoramento e vigilância das atividades das pessoas:

Não estando limitadas aos interesses diretos de um governo totalitário, as práticas individuais de vigilância de pessoas sobre outras pessoas em sociedades consideradas democráticas se alastraram através de outros agenciamentos sociotécnicos, que encontram no *voyeurismo*¹¹ midiático um estímulo para que uns vigiem outros. (LINS; BRUNO, 2010; CARDOSO, 2014; BEZERRA, 2017).

Figura 10: Caso sua resposta tenha sido SIM, quantas vezes?



Fonte: Elaborado pelos autores com base no questionário. set. 2017

Sendo assim, essa pesquisa pôde comprovar a autoexposição à qual os usuários espontaneamente se submetem, relacionando isso com práticas de monitoramento realizadas por terceiros, mostrando assim que não somente as ferramentas de monitoramento do *Facebook* podem tirar a privacidade, mas também a livre escolha dos usuários de expor suas

¹¹ Segundo definição do dicionário Michaelis de língua portuguesa, *voyeurismo* é caracterizado como curiosidade doentia em relação ao que é privado ou íntimo.

atividades nos *Stories*. Dentro da realidade distópica de 1984, essa exposição é feita de forma obrigatória por meio das *teletelas*, traçando assim uma relação antagônica entre a livre escolha atual de se expor por meio dos smartphones e o constante olhar do Grande Irmão nas *teletelas* quanto as atividades diárias realizadas pela sociedade na obra.

Considerações finais

No universo distópico de George Orwell, as práticas de monitoramento e controle da sociedade caracterizam o que Teixeira Coelho conceituou como uma má utopia. Essas características de monitoração assemelham-se as práticas atuais de monitoramento da sociedade virtual contemporânea, seja por meio do *Facebook* ou da autoexposição de forma livre e consensual nas *Stories*.

Os dados obtidos por meio da pesquisa realizada, bem como a análise bibliográfica comprovam que as mídias sociais e os smartphones podem tornar-se meios de controle e de alta monitoração da sociedade em um futuro próximo. Futuro esse que foi justamente uma das preocupações do autor ao escrever sua obra, alertando a sociedade quanto aos perigos das novas tecnologias. Diariamente, a sociedade está sujeita a diversas práticas de monitoramento de suas atividades, como por exemplo por meio de câmeras instaladas em grandes cidades como Pequim, Londres e Rio de Janeiro, que possuem o propósito de diminuir as taxas de criminalidade e violência urbana.

Através das ferramentas implícitas de leitura e análise de dados obtidos pelo *Facebook*, ou pela autoexposição nas *Stories* das mídias sociais, é possível traçar um perfil de cada usuário dessas mídias devido ao alto número de informações sobre cada um deles. Essas práticas de monitoramento podem sim caracterizar o início de um modelo totalitário no controle das atividades realizadas pela sociedade contemporânea, refletindo quanto ao poder que cada ferramenta utilizada pelo *Facebook*, por exemplo, possui dos dados de seus usuários. Sendo assim, até que ponto tais atividades estão sendo monitoradas e até onde reside a privacidade de cada um? Resta ter a esperança de que as novas tecnologias não venham a ter os propósitos que teve na obra de George Orwell, na qual as práticas de monitoramento realizadas por meio de tecnologias mergulharam a sociedade num total controle de seus atos e até mesmo de seus pensamentos.

Referências

- AÇÃO JUDICIAL no Piauí determina suspensão do WhatsApp no Brasil.** Uol. 2015. Disponível em: <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/25/acao-judicial-no-piaui-determina-suspensao-do-whatsapp-no-brasil.html>> Acesso em: 14 out. 2017.
- ADORNO, T., HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores: 2001.
- BEZERRA, A. **Os reflexos do Grande Irmão no admirável espelho novo de Black Mirror.** 2017. Disponível em <<https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/03/ArthurBezerra-B.pdf>>. Acesso em 14 out. 2017.
- COELHO, T. **O que é utopia.** São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FACEBOOK, INK. **Self-Censorship on Facebook.** Pennsylvania: 2012.

FILHO, E. **Em direção a um novo 1984? A tutela da vida privada entre a invasão de privacidade e a privacidade renunciada.** 2014. 40 f.

GOOGLE VOICE SEARCH records and keeps conversations people have around their phones – but the files can be deleted. Independent. 2016. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/news/google-voice-search-records-stores-conversation-people-have-around-their-phones-but-files-can-be-a7059376.html?cmpid=facebook-post>> Acesso em: 14 out. 2017

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo.** São Paulo: Globo, 2000.

MARK ZUCKERBERG Covers his Macbook's Camera and Audio Jack with Pieces of Tape. Anonymous. 2016. Disponível em: <<http://www.anonews.co/mark-zuckerberg/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

NUMBER OF MOBILE subscribers worldwide hits 5 billion. GSMA. 2017. Disponível em: <<https://www.gsma.com/newsroom/press-release/number-mobile-subscribers-worldwide-hits-5-billion>>. Acesso em: 14 out. 2017.

ORWELL, G. **1984.** São Paulo: Cia das Letras, 2009.

PAVLOSKI, E. **1984: a distopia do indivíduo sob controle.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

SANTOS, R. **1984 – A Obra de George Orwell e as Teorias da Comunicação.** 2008. 60 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, Distrito Federal. 2008

SILVA, M. B. B. **A Distopia Contemporânea de George Orwell: 1984.** 2015. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=346> Acesso em: 14 out. 2017.

TERMOS E POLÍTICAS DO FACEBOOK. Facebook 2016. Disponível em <<https://www.facebook.com/policies>>. Acesso em: 14 out. 2017.